

## Siward da Northumbria († 1055) e a *Batalha dos sete dormentes* (c. 1054)

Renan Marques Birro

Mestrando em História Medieval pela UFF  
Membro do *Scriptorium* e NEVE,  
Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos  
[rbirro@gmail.com](mailto:rbirro@gmail.com)

### Resumo

O *jarl* (lat. *dux*) Siward (ou Sigeward) da Northumbria († 1055) foi um dos homens de confiança do rei Knutr inn *ríki* da Dinamarca (Canuto, *o grande*, c. 985-1035), o maior e mais famoso rei da Europa Setentrional daquele período. De provável origem escandinava, Siward defendeu os interesses da dinastia canutiana na *Britannia* ao defender, por exemplo, o direito ao trono inglês de Hardeknud (c. 1018-1042), filho de Knutr. O *jarl* também se tornou famoso ao guerrear e derrotar o rei escocês Mac Bethad mac Findlaíoch *Rí Deircc* (ing. MacBeth, *o rei vermelho*, † 1057) em 1054, imortalizado na peça teatral *MacBeth* de Shakespeare (c. 1564-1616).

Nesse contexto, meus objetivos foram demonstrar algumas narrativas sobre a vida de Siward, a *Batalha dos sete dormentes* (c. 1054), as características valorizadas pelos guerreiros da época e, por fim, algumas formas de construção biográfica da época.

Palavras-chave: Monarquia – Nobreza – Era Viking – Mito – História

### Abstract

The *jarl* (lat. *dux*) Siward (or Sigeward) of Northumbria († 1055) was one of the most reliable men to the king Knútr inn *ríki* of Denmark (Knut *the great*, c. 985-1035), the greatest and most famous king of Northern Europe at that time. Being probably born in Scandinavia, Siward defended the canutian dynasty interests in Britain, such as Hardeknud (c. 1018-1042), Knútr's son, in his right to the English throne. The *jarl* also became famous for wrestling and defeating the Scottish king Mac Bethad mac Findlaíoch *Rí Deircc* (ing. MacBeth *the red king*, † 1057) in 1054, as immortalized in *MachBeth*, a theatre play by Shakespeare (c. 1564-1616).

Therefore, my purposes were to show some narratives about Siward's life, the *Battle of the Seven Sleepers* (c. 1054), some values dear to the warriors at that age as well as some forms of biographical construction in Middle Ages.

Keywords: Monarchy - Nobility - Viking Age - Myth - History

O *earl*<sup>1</sup> Siward (ou Sigeward) da Northumbria († 1055), dinamarquês de origem e servidor de destaque na casa do rei Knutr inn *ríki* da Dinamarca (Canuto, *o grande*, c. 985-1035), alcançou grande glória em 1054, pouco antes de falecer: fez frente e venceu o rei Mac Bethad mac Findlaích *Rí Deircc* (ing. MacBeth, *o rei vermelho*, † 1057) para vingar a morte, ao que tudo indica, de seu próprio filho ou do rei das terras altas anterior, Dunwal (*Vita Waldevi*, 110-111; *Historia Anglorum*, V, 194; *Anglo-Saxon Chronicle*, Ms C & D, 1054; *Chronicon ex chronicis*, 212).<sup>2</sup> Assim como uma estrela em sua velhice, que lança seu derradeiro brilho numa enorme explosão, talvez esta tenha sido sua façanha final, se dermos crédito às fontes.

Como seu último ato de vontade, ele foi enterrado num templo que construiu para dormir o derradeiro sono:

Nec multo post tempore occubuit etiam moriens Northumbrorum dux Sipardus, cujus meminimus supra, sepultusque est in ea quam ipse a fundo construxerat in beati Olavi regis et martyris (nomine) ecclesia.

E pouco tempo depois jazeu e morreu o *dux* Siward da Northumbria, **que foi memorado principalmente por ser sepultado na igreja que ele próprio fundou e construiu em nome do santo rei e mártir Olavo** (*Vita Aeduardi Regis qui apud Westmonasterium requiescit*: 408).<sup>3</sup>

Inicialmente não há surpresa alguma em um nobre que escolhe sua própria devoção, mesmo no fim da *Era viking* (c. 800-1066). Mas quem foi Olavo, o santo?

Anno M.XXX Sanctus Olavus, quem Canutus rex expulerat, rex et martyr, Haroldi regis Norreganorum filius, in Norrega injuste perimitur a Norreganis.

Ano 1030: Santo Olavo, a quem o rei Canuto expeliu, rei e mártir, filho do rei norueguês Haraldo, pereceu injustamente na Noruega pelas [mãos dos] noruegueses (*Symeonis Dunelmensis. Opera et collectanea*, 80).

Em vida, após servir Knutr por alguns anos, Olavo (ou Óláfr, c. 995-1030) tomou o trono da Noruega de seu antigo senhor, governando-o por cerca de treze anos até ser expulso do seu reino. Não contente com esse desfecho, ele retornou dois anos depois num momento de instabilidade para retomar o trono, sem sucesso: Óláfr foi, assim, derrotado pelas forças de seu principal adversário na *Batalha de Stiklastaðir* (1030). Bastaram poucos anos para que ele se tornasse um grande santo em toda Europa Nórdica, com templos erguidos em sua homenagem da Islândia ao Báltico (Lindow 2008: 103-127). O *earl* danês foi, sem dúvida, apenas um de seus inúmeros seguidores naquele tempo.

O local do descanso eterno do nobre e a natureza do templo em questão não são matérias dubitáveis, pois não se trata de um único testemunho. Conforme a *Crônica Anglo-Saxônica*,

On þisan gere forðferde Syhward eorl on Eoferwic, he ligeð æt Galmaho on þam mynstre þe he sylf let timbrian halgian on Godes Olafes naman. Tosti feng to þan eorldome þe he hæfde.

[1055] Neste ano morreu o earl Siward de Eoferwic; e seu corpo jaz no monastério de Galmanho, que ele próprio ordenou a construção e a consagração em nome de Deus e de [São] Olaf, para a honra de Deus e de todos os seus santos (*Anglo-Saxon Chronicle*, Ms D, <1055>)

Além dessa aparente contradição, a trajetória de Siward nos reserva outra grata surpresa: uma origem um tanto curiosa. A falta de maiores informações acerca deste nobre quanto ao seu passado foi compensada por um mito no mínimo peculiar para um leitor moderno. De acordo com a *Vita et passio Waldevi comitis* ou apenas *Vita Waldevi* (*A vida e a paixão do conde Waltheof*, c. 1207-1214), o único documento a abordar sua vida desde o início,

Tradunt relationes antiquorum quod vir quidam nobilis, quem Dominis permisit, contra solitum ordinem humane propaginis, ex quodam albo urso patre, muliere generosa matre, procreari, Ursus genuit Spratlingum; Spratlingus Ulsium; Ulsius Beorn, cognomento Beresune, hoc est filius ursi. Hic Beorn Dacus fuit natione, comes egregius et miles illustris. In signum autem illius diversitatis speciei ex parte generantium, produxerat ei natura paternas aurículas, sive ursi. In aliis autem speciei materno assimilabatur. Hic autem, post multas virtutis ac milicie experiencias, filium genuit fortitudinis et milicie paterne probum imitatore. Nomen autem huic Siuardus (in margine verba: cognomento Diere, id est grossus).

A tradição dos antigos sobre certo nobre [Ursus], a quem **o Senhor permitiu, contra a ordem humana natural da procriação, que tivesse como pai um urso branco e uma mulher generosa [nobre] como mãe**, [ser] procriado; Ursus gerou Spratlingus; Spratlingus gerou Ulsius; Ulsius gerou Beorn, cognominado Beresune, ou seja, **filho do urso**. Beorn era da nação danesa, egrégio conde e guerreiro ilustre. Como sinal de sua espécie diferente pela geração diferenciada, **ele dispunha das aurículas paternas, ou seja, de urso**. Em todas as outras coisas ele era semelhante à mãe. E posteriormente, após muitos feitos e experiências de guerra, **ele gerou um filho que imitava a força, a habilidade e a probidade paterna**. Seu nome era Siward (na margem das palavras: **cognominado Diere, ou seja, forte** (*grossus*) (*Vita Waldevi*: 104-105).

Conforme a fonte, o futuro *earl* já reservava desde sua origem as características que lhe garantiriam o sucesso em vida. Este prefácio de vida de santo seguia o modelo corrente da biografia santoral, que tinha início com a parentela. Logo, a santidade e a valentia eram atávicas (Duby 1987: 81). Siward era originário da relação entre uma mulher nobre e um urso branco<sup>4</sup> graças ao assentimento divino, e dispunha de sangue, força e habilidades bestiais. Seu pai, *Beörn* ou *Beresune*, era também nobre e guerreiro,<sup>5</sup> embora o documento não indique de quais terras. Além do título de conde e das habilidades ancestrais, ele herdou ainda a probidade paterna, uma qualidade útil aos nobres que aspiravam o favor dos reis. Por fim, sua alcunha encerrava de maneira magistral todas suas qualidades: Siward *dieri* (do nórdico *digri*), ou seja, Siward, *o forte*.

Um homem naquele tempo, porém, dependia não apenas das qualidades de sangue para se provar, mas de seus próprios feitos e façanhas. Talvez para se mostrar digno da herança que ostentava ou somente para testar sua própria força, o descendente do urso branco se dirigiu ao mar. Ele poderia viver do título paterno e ter uma vida farta, mas sua origem animalesca e a tradição viking o fizeram escolher o mar e, ao lado dos melhores homens disponíveis, se lançou num barco em busca de aventuras (*Vita Waldevi*: 105).

Por força da sorte ou do destino Siward não precisou esperar muito para mostrar seu próprio valor: ao alcançar as Orkneys, ouviu a fama de um temível dragão<sup>6</sup> que assolava uma ilha próxima e atemorizava os habitantes:

In insula autem illa habitabat draco quidam, qui erat non solum in bestiis, verum et in populo, strages maxima. Cujus fama ad aures Siward rerum gesta

deferente, cum eo pugnam iniri satagebat; non operas locans arenariorum more, set robur corporis et animi virtutem in hoc declarans, eum devicit et ab insula effugavit.

Numa outra ilha habitava certo dragão, que não só promovia uma grande matança dos animais, [mas também], na verdade, de pessoas. [Dragão] cuja fama chegou aos ouvidos de Siward, que agiu de uma maneira honrada, e com ele deu início à batalha com grande esforço; não apenas na arena, mas com sua alma e as virtudes do corpo declaradas, ele o derrotou [o dragão] e o expulsou da ilha (*Vita Waldevi*: 105).

Portanto, Siward foi capaz não só de vencer o dragão, mas expulsou-o da ilha definitivamente devido a sua alma e virtudes do corpo. Sua origem nobiliárquica compeliu o jovem nobre a comprovar seu próprio valor (“Cujus fama ad aures Siward rerum gesta deferente”).

Não obstante, o danês queria testar suas forças e qualidades mais uma vez, pois ouviu sobre outro dragão na Northumbria, no território da *Britannia* (*Vita Waldevi*, 105). Ao que tudo indica, Siward queria ter não só a alcunha de *digri*, mas ser também um *dráp ormsins* (lit. “matador de serpente”).

Ao lá chegar, o jovem se viu frustrado: não encontrou a fera que pretendia combater. Após muito procurar sem sucesso, ele inquiriu um velho sentado no topo de uma colina sobre o paradeiro da grande serpente. O ancião, por sua vez, lhe aconselhou da seguinte maneira:

“Siward, bene novi qua de causa iter istud profiscisceris: videlicet ut vires cum dracone experiaris; sed in vanum laboras: eum enim invenire non poteris; sed revertere ad socios tuos, et dicam tibi quid tibi accidere fatatum est. Cum navem fueris ingressus, statim aura tibi dabitur grata; et prospero cursu cum vela ventis applicueris, portum invenies saluberimum in fluvio quodam cui nomen Tamisia; quem cum conscenderis, tandem reperies civitatem quandam cui applicabis, nomen autem ejus Londonie; ibidemque regem illius regni invenies, qui te in servicio suo retinebit, et terram sine magne more dispendio tibi conferet.”

“Siward, bem sei por qual causa fez este caminho: evidente para experimentar suas forças com o dragão; mas foi um labor em vão, pois não poderás encontrá-lo; mas retorne com os teus sócios, e te falarei dia-a-dia o que te acontecerá. Irás com teu navio, e será dada a ti uma grata brisa, e um curso próspero de vento se aplicará à tua vela, [e] encontrarás um porto salutar no rio cujo nome é Tamisa; ao desceres [o rio], finalmente, descobrirás certa cidade, cujo nome é Lundene [Londres]; Lá encontrarás o rei daquele reino, que te tomará em serviço e te conferirá terras e muito mais dispêndios” (*Vita Waldevi*: 106).

Por um motivo não revelado, o velho (lat. *Senex*) sabia a principal motivação da viagem de Siward. Encontrado a beira de um penhasco em provável meditação, este homem de idade avançada lhe deu um conselho em tons proféticos. Desconfiado, o jovem ficou tentado a não seguir o conselho, mas foi presenteado pelo ancião com um *ravenlandeye* (“corvus terre terror”, lit. “corvo, o terror da terra”) e se inclinou a obedecê-lo. De fato, o conselho se mostrou um vaticínio, e tudo aconteceu como o homem encontrado na Northumbria previu (*Vita Waldevi*: 107).

Axel Olrik sugeriu que o velho em questão fosse Oðinn, numa clara alusão à *Völsunga saga* (séc. XIII) e a outras fontes escandinavas. Contudo, não se tratava do deus nórdico no aspecto religioso-mítico, mas de sua versão folclórica (1908-1909: 222-223). Em uma revisão um pouco mais recente sobre o tema, porém, Wright coloca em

dúvida se o ancião era Oðinn de fato e sugere que o início da *Vita Waldevi* era na verdade o conteúdo de uma *saga* que foi perdida em sua versão original, ou ainda sua versão latina (1939: 131-135). Infelizmente a escassez de informações não permite uma análise profunda do monstro, mas seu papel como agente do caos permite inseri-lo nos dois últimos sistemas propostos por Langer (2007a: 59-95; 2007b: 106-141). Assim, a narrativa do dragão demonstra-se como uma transição entre tradições seculares e hagiográficas (Rauer 2000: 125-133).

A profecia do ancião, porém, não alertava que Siward passaria por um revés. O rei Eduardo *o confessor* (c. 1003-1066) convidou o jovem nobre para uma conferência em Westminster e prometeu, após uma breve conversa, conferir-lhe a primeira dignidade que ficasse vaga no reino. Possivelmente com o humor alterado pela má sorte (embora a fonte não esboce essa reação), o danês tomou o caminho rumo a Lundene e, numa ponte entre a cidade e Westminster, se encontrou com Toti, *earl* de Huntingdon e que era também proveniente da Dinamarca. Conforme a fonte, “Rex autem eundem habuit odio, quia duxerat in uxorem filiam comitis Godwini, sororem regine” (“O rei também o odiava, pois o *dux* tomou como esposa a filha do Conde Godwin, irmã da rainha”). *Vita Waldevi*: 107).

Indignado por ter saído da presença do rei apenas com uma promessa, Siward sentiu o seu sangue ferver (“eum in iram vehementem exarsit”) quando um passou ao lado do outro: o genro de Godwin sujou a capa do homem apelidado *digri*! Siward odiava o *earl* de Huntingdon, pois neste contexto Tosti representava o principal empecilho que impedia o filho de Beörn de alcançar o cargo que pretendia. Dessa forma,

Sustinebat autem super eundem ponticulum, cum sociis suis immobilis existens, quousque dictus Tosti a curia rediret; quo redeunte, Siwardus, extracto gladio, ei capud amputavit, quod sub pellibus ejus in manu gestans ad curiam reversus est.

Mantiveram-se de pé sobre a ponte, com seus sócios consigo imóveis, até que o dito Tosti direcionou-se à corte; Como resposta, Siward extraiu sua espada e amputou sua cabeça, que carregou com as mãos sob seu manto e retornou à corte (*Vita Waldevi*: 107-108).

Ao agir assim, o filho de Beörn fez jus à sua ancestralidade animal, pois não teve temperança para aguardar uma oportunidade para ascender socialmente. Outrossim, agiu conforme o *ethos* escandinavo vigente na época, pois as rivalidades se decidiam no cantar da espada, por motivações que consideramos hoje pueris (Christiansen 2002: 51-52). Uma ofensa raras vezes passava em branco, e era respondida no embate entre homens que cumpriam, além de seus papéis sociais corriqueiros, o exercício da guerra com frequência quase diária. Ademais, Siward suportou duas humilhações: foi sujado pela lama da bota de Toti e foi desconsiderado pelo rival, que não o sopesou como uma ameaça ao decidir atravessar a ponte sem o porte da espada. Tamanho agravo não seria tolerado por um jovem guerreiro neto de “urso”, que tinha se provado contra um dragão e que ansiava a mercê do rei Eduardo.

Portanto, ao encontrar o rei novamente, Siward apresentou a cabeça de Toti e reclamou sua promessa: ele desejava ardentemente o cargo daquele que jazia em suas mãos. Eduardo prontamente o atendeu, conferindo-lhe o título de seu adversário morto. No retorno a Lundene, Siward e seus homens ainda eliminaram os homens do antigo *earl*, provavelmente descontentes com a morte de seu “doador de anéis” (*Vita Waldevi*: 108).

O novo *dux* não precisou esperar muito até segurar novamente a sua espada, pois “*accidit quod norroenses guerram moverent regi*” (“poucos depois, os noruegueses agitaram-se para guerrear contra o reino”). O rei estava em dúvida do que fazer, mas decidiu, após a aclamação dos grandes homens da Northumbria, Cumberland e de Westmoreland, investir o recém-empossado *earl* de Huntingdon para que governasse também os homens do Norte da *Britannia*. Assim, Siward pacificou a terra e puniu os inimigos do rei, conforme a “*antiqua Anglorum historia*”,

Spiritu quase profético e concinenti quod providentia divina nasci permetteret ex specie rei irrationalis cum rationali commixte, scilicet ex urso et muliere, hominem qui vindicaret regem Anglie illustrem et gloriosum ab inimicis suis: quod totum fuit adimpletum in comite Sywardo vindicante invasiones et oppressiones sancto regi Edwardo illatas.

Num espírito quase profético se celebrou [certa vez] que a providência divina permitiria nascer uma espécie que misturava o irracional e o racional, ou seja, um urso e uma mulher, um homem que vingaria um rei da Ânglia ilustre e glorioso de seus inimigos: [tarefa] que foi totalmente cumprida pelo conde Siward ao vingar as invasões interpostas ao santo rei Eduardo (*Vita Waldevi*: 109).

A partir desse momento, devido à importância de seu cargo, Siward passou a constar em vários documentos das ilhas britânicas e do continente além da *Vita Waldevi*. Sua fama cresceu bastante até as vésperas de sua principal e última batalha, que o eternizaram em muitos registros. Tentarei, na medida do possível, organizar a estrutura lógica do conflito para facilitar a compreensão. Portanto, cabe ao historiador não ocultar algum testemunho para fazer valer seu juízo sobre o passado.

Em 1031 Knutr se dirigiu às terras ao Norte da Northumbria para receber a submissão dos pequenos reis escoceses. Nesse contexto, surge a primeira menção de destaque de MacBeth nos círculos régios da ilha, “*Scotta cyng him tobeah Mælcolm. Twegen oðre cyningas. Mælbæþe. Iehmarc*” (“Malcolm, o rei escocês, submeteu-se a ele, assim como outros dois reis, MacBeth e Iehmarc”, *Anglo-Saxon Chronicle*, Ms. E, 1031).

Todavia, a história abriga a partir desse ponto várias tradições que entram em contradição, principalmente sobre o conflito entre Siward e MacBeth. Destarte, as ordenarei de acordo com a semelhança entre os documentos. A primeira delas foi abordada nas *Marianus Scottus Chronicon* (*Crônicas de Mariano, o escoto*, c. 1070):

M.LXII Donnchad rex Scotiae in autumnno occiditur a duce suo Macbethad mac Finnloech, cui successit in regnum annis.

1062[1040] Dunwal, rei dos escotos, foi assassinado no Outono [14 de Agosto] por seu *dux* MacBeth mac Finnloech, que o sucedeu no reino por 17 anos (*Marianus Scottus Chronicon*: 557).

Portanto, esse documento fixou que o rei Dunwal, que havia jurado ao rei Knutr, faleceu perante MacBeth, monarca também jurado ao soberano danês poucos anos antes. Além disso, Mariano estabeleceu que o novo rei dos escotos manteve-se no poder por dezessete anos, dado apresentado com exatidão pelo cronista. Apesar da aridez do relato prestado, fui levado a crer que ele representa a linha narrativa mínima dos acontecimentos iniciais, ou seja, Dunwal foi sucedido por MacBeth e permaneceu no trono por um longo período.

Outro relato pertence ao *Libellus de exordio atque procursu istius, hoc est Dunhelmensis ecclesie* (Tratado sobre a origem e o progresso da Igreja de Dulham, c. 1104-1107) de Simeão de Dulham († c. 1135). Segundo este autor,

Anno ab incarnatione Domini MXXXV defuncto Cnut, cum filius ejus Haroldus jam quintum annum in regno, & Eadmuduns vicesimum in pontificatu gereret, Dunecanus Rex Scottorum cum immensis copiis adveniens Dunhelmum obsedit, & ad eam expugnandam multum quidem sed frustra laboravit.

1035 anos após a encarnação do Senhor, morto Knutr, com seu filho Haroldo já no quinto ano de reinado, e Edmundo no vigésimo [ano] na gerência do pontificado, Dunwal, rei dos escotos, sitiou Dulham com imensas tropas que advieram para expugná-la e possuí-la; Porém, o labor foi em vão (*Libellus de exórdio*, XLIV).

Nesse ínterim, Simeão apontou uma ofensiva dos escotos no Norte da Northumbria em cerca de 1040, o que justificaria um contra-ataque por parte de Siward anos depois. O exército escoto foi apresentado de maneira descomunal (“immensis copiis”), o que sugere uma derrota que fatalmente cairia sobre Dulham. Porém, a localidade conseguiu resistir. Ademais, alguns historiadores defendem que o insucesso na incursão foi uma das causas para a morte Dunwal nas mãos de MacBeth pouco tempo depois (Wolf 2007: 254-255).

A terceira versão da história foi transmitida pela já citada *Vita Waldevi*. De acordo com esta fonte, Siward recebeu um pedido de ajuda de Dunwal, um rei dos pictos tributário ao danês, para ajudá-lo contra os seus inimigos. Logo,

Cujus petitioni comes obtemperans exercitum congregavit in subsidium regis, usque ad Dunde progrediens ubi nunciatum fuit ei quod homines sui de Northumberlandia jam in eum et suos adeo insurrexerant quod Osbertum Bulax, filium suum, interfecerant.

Cuja petição o conde obtemperou [e] congregou um exército em subsídio ao rei [Dunwal], de forma que progrediu até Dunde, onde foi informado que os seus homens da Northumbria estavam contra ele e insurgiram contra os seus; [e] Osberto *Bulax* [lit. “cabo de machado”], seu filho, morreu (*Vita Waldevi*: 110).

Mesmo com grande pesar, Siward cumpriu a promessa a Dunwal, e somente algum tempo depois retornou à Northumbria. Essa passagem sugere que o escriba desejava apresentar uma imagem positiva do *earl* danês: conforme essa narrativa, ele colocou seu desejo de vingança de lado para cumprir a promessa feita ao rei aliado. Assim, ele retornou à sua terra, trucidou seus inimigos com a espada e com outras formas de tormentos (*Vita Waldevi*, 110). A proteção da honra familiar nesses termos era a prática da época: cobrava-se a morte de um familiar numa querela de sangue, que podia se estender por gerações.

A quarta tradição, por sua vez, foi registrada na *Historia Anglorum* (c. 1130) de Henrique de Huntingdon (c. 1088-1154), mesmo território da primeira mercê de Siward. Conforme este cronista, o filho do herói – apresentado sem nome, se dirigiu primeiro à guerra na Escócia e caiu em batalha. Ao saber da notícia, o herói perguntou:

“recepitne vulnus letale in anterior vel posteriori corporis parte?” Dixerunt nuntii, “In anteriori.” At ille: “Gaudeo plane, non enim alio me vel filium

meum digner funere.” Siwardus igitur in Scotiam proficiscens regem bello vicit, regnum totum destruxit, destructum sibi subjugavit.

“[Ele] recebeu sua ferida letal na parte anterior ou posterior do corpo?” Disseram os núncios, “Na anterior.” E ele: “Muito me apraz, pois nenhuma outra morte convém a mim ou a meu filho.” Portanto, Siward partiu para a Escócia e declarou guerra contra o rei, e destruiu todo o reino; Após a destruição, o subjugou [o reino escocês] para si (*Historia Anglorum*, V, 194).

Para um nobre guerreiro convém enfrentar a morte de peito aberto, orgulhoso por abraçá-la após enviar muitos inimigos ao seu encontro primeiro. Receber um golpe pelas costas era um sinônimo de covardia, pois apenas os pusilânimes giravam pelos calcanhares ao invés de encarar o destino daqueles que portavam a espada e a lança. Além disso, conforme afirmei anteriormente, a morte nesses termos deveria ser cobrada numa rixa de sangue. Por receber o golpe frontal, o filho do *earl* merecia e devia ser vingado, o que foi cumprido pelo pai à risca. Ademais, o pagamento da dívida de vida foi exigido na destruição do reino escoto e a submissão do reino aos caprichos de Siward.

A *Crônica Anglo-Saxônica* registrou uma versão próxima a *Historia Anglorum*, mas que sugere a morte do filho de Siward durante o conflito contra os escotos, e não antes:

Her for Siward eorl mid mycclum here into Scotlande mycel wæl of Scottum gesloh hig aflymde, se cing ætbærst. Eac feoll mycel on his healfe ægðer ge Densce ge Englisce eac his agen sunu.

Naquele tempo o *earl* Siward se dirigiu à Escócia com um grande exército, e realizou um grande assassinato de escotos, colocando-os em fuga. Muitos morreram de ambos os lados, tanto daneses quanto ingleses, e até mesmo seu filho (*Anglo-Saxon Chronicle*, Ms C, 1054).

Tanto na *Historia Anglorum* quanto na *Crônica Anglo-Saxônica* o filho pereceu, ao que tudo indica, no seio da batalha. Ele poderia ter se aproveitado de sua posição e ter assistido o conflito de longe, enquanto seus homens caíam na frente do confronto. No caso do segundo documento, a participação e a morte do filho de Siward ampliou a sensação de mortandade após o desfecho do conflito. Ao defender que até mesmo um dos seus precisasse ser usado como mão-de-obra no embate, o cronista saxão demonstrou que o *earl* da Northumbria não pouparia meios para alcançar a vitória contra a ameaça do Norte.

Em outro manuscrito da *Crônica Anglo-Saxônica*, porém, mais informações sobre o conflito foram fornecidas,

Her ferde Siward eolr mid miclum here on Scotland, ægðer ge mid scyphere mid landfyrde, feaht wið Scottas, aflymde þone kyng Macbeoðen, ofslöh eall þæt þær betst wæs on þam lande, lædde þonan micle herehuðe swilce nan man ær ne begeat, ac his sunu Osborn, his sweostor suna Sihward, of his huscarlum eac þæs cynges wurdon þær ofslægene on þone dæg Septem Dormientium.

Naquele tempo o *earl* Siward se dirigiu à Escócia com um grande exército, com frotas e o *fyrð* da terra, e lutou contra os Escotos, e expulsou o rei MacBeth, e eliminou todos que eram os melhores da terra, e trouxe consigo muitos espólios de guerra, como nenhum homem tinha obtido antes. E lá seu filho Osbjorn foi morto, assim como Siward, filho de sua irmã, e alguns de



seus huscardos<sup>7</sup>, assim como os do rei, no *dia dos sete dormentes* [27 de Julho] (*Anglo-Saxon Chronicle*, Ms. D, 1054).

Foi esse manuscrito da *Crônica Anglo-Saxônica* que batizou o conflito e especificou o dia da beligerância, 27 de Julho. A referência aos sete dormentes de Éfeso, jovens que fugiram da perseguição aos cristãos lançada pelo imperador romano Décio (249-251), foi uma menção a uma das lendas cristãs mais antigas. Nessa versão mais completa do confronto, a tática adotada pelo herói foi desnudada: ele dividiu o ataque em duas frentes, uma marinha e outra terrestre. Damos crédito à fonte, o resultado do ataque foi estupendo, pois MacBeth foi expulso da terra, os melhores escotos foram mortos e os espólios ultrapassavam qualquer conquista anterior. Contudo, ao apresentar as baixas, o nome do filho de Siward foi mencionado – Osbjorn, além de seu sobrinho e vários outros guerreiros profissionais do *earl* da Northumbria e do rei. Um documento irlandês da época conferiu as dimensões do conflito em números expressivos para o período:

Cath eter firu Alban & Saxanu i torchratur tri mile do Feraib Alban & mile co leth do Shaxanaib im Dolfinn m. Finntuir.

Uma batalha entre os homens de Alba e os Saxões na qual caíram 3000 de Alba e 1500 saxões, incluindo Doilfin, filho de Finntor (*Annals of Ulster*: 491-492).

De maneira geral, as fontes irlandesas são críveis quanto aos contingentes dos exércitos durante as batalhas medievais, ou ao menos mais verossímeis que outras fontes da época (Keen, 1999: 36-58). Um ataque combinado do *fyrð* terrestre northumbriano e do *fyrð* que serviu no mar reuniria um volume considerável de homens. Ademais, por ser um território menos habitado que o sul da ilha, a maioria dos homens do Norte eram obrigados a atender o chamado real do *fyrð* (Abels 2001: 47-48). Assim, é possível que a quantidade de mortos descrita nos *Anais de Ulster* seja próxima da realidade do conflito.

A *Chronicon ex chronicis* (c. 1121-1124) de João de Worcester († c. 1140) forneceu ainda mais elementos para a batalha entre MacBeth e Siward:

Strenuus dux Northymborum Siwardus, jussu regis, cum 31equestri exercitu et classe valida Scottiam adiit, et cum rege Scottorum Macbeotha proelium commisit, ac multis millitibus Scottorum, et Nortmannis omnibus, quorum supra fecimus mentionem, occisis, illum fugavit, et Malcolmum, regis Cumborum filium, ut rex jusserat, regem constituit.

Siward, o vigoroso *dux* da Northumbria, avançou pela Escócia por ordem do rei, com um largo corpo de cavalaria e poderosa frota, e travou um prélio com MacBeth, rei dos Escotos, na qual o rei [MacBeth] foi derrotado com a perda de muitos milhares de Escoceses e Normandos mencionados outrora; Então ele, como o rei havia ordenado, ergueu Malcolm ao trono, filho do rei dos Cúmbrios. Entretanto, seu filho e muitos ingleses e dinamarqueses caíram naquela batalha (*Chronicon ex chronicis*: 212).

Conforme essa versão, o papel do rei fica em evidência como mentor do ataque contra os escotos e na substituição do monarca vizinho, que reinaria como um “satélite” do outro soberano. Além disso, aqui o exército mencionado não é o *fyrð*, muitas vezes composto por agricultores e artesãos mal preparados, mas por cavaleiros e navios (marinheiros). A menção da frota na *Crônica Anglo-Saxônica* e no *Chronicon ex chronicis*, além da presença de cavaleiros, aludem à intenção régia de controlar a

fronteira Norte do reino. Ademais, o objetivo maior, nesse caso, seria acabar com a ameaça iniciada por Godwin de Essex (990-1053), *earl* que se voltou contra o rei e foi enviado para o desterro junto com os seus aliados. Essa é a razão para que João mencionasse a morte dos Normandos junto aos escoceses (*Chronicon ex chronicis*: 212).

Assim como nos manuscritos C e D da *Crônica Anglo-Saxônica*, João de Worcester chamou atenção inicial para as grandes perdas que os inimigos sofreram, tanto em material humano quanto em liberdade, e somente depois mencionou as baixas do lado vencedor, com menção ao filho de Siward como a primeira, enquanto os muitos ingleses e dinamarqueses que perderam suas vidas continuaram no anonimato.

A oitava tradição, por fim, consta nos *Annales Dunelmenses* (*Anais de Durham*, séc. XIII), e se assemelha ao *Chronicon ex chronicis*. De acordo com este documento, Siward só se dirigiu ao reino vizinho seis anos após o início do reinado de MacBeth. Assim,

MXLVI Comes Siward cum magno exercitu venit Scotiam, et expulso rege Macbeoð alium constituit, set post eius discessum Macbeoð recuperavit regnum.

1046 O conde Siward veio com um grande exército à Escócia, e expulsou o rei MacBeth [e] constituiu um aliado [como rei], Porém, após o seu descenso, MacBeth recuperou o reino (*Annales Dunelmenses*: 508).

Todavia, esse documento não fez menção à morte do filho de Siward ou o tipo de ataque efetuado pelo *earl*, mas somente a dimensão do exército como grande (“magno exercitu”). Seja como for, nessa estória MacBeth conseguiu recuperar o reino após o retorno de Siward à Northumbria em data não especificada pelo autor da fonte. Porém, em 1054, o documento registrou que “Siwardus fugato Macbeth, posuit Malcolmum regem, et sequenti anno” (“Siward colocou MacBeth em fuga, e fez Malcolm rei no ano seguinte”, *Annales Dunelmenses*: 508).

Para facilitar a compreensão, elaborei um quadro com os principais elementos narrativos descritos nas fontes a respeito da batalha entre Siward e MacBeth:

Tabela 1

Fontes	Data de composição	Nome do Rei irlandês (inicial)	Status do rei irlandês (inicial)	Ofensiva irlandesa	Nome do rei irlandês (final)	Filho de Siward	Adj. do Exército da Britannia	Adj. do Exército inimigo
<i>Marianus Scottus Chronicon</i>	c. 1070	Dunwal	Não mencionado	Não	MacBeth	Não mencionado	Não há ofensiva	Não há descrição
<i>Libellus de exórdio</i>	c. 1104-1107	Dunwal	Inimigo	Sim	Não mencionado	Não mencionado	Não há ofensiva	Grande exército, escotos
<i>Anglo-Saxon Chronicle, Ms C</i>	c. 1044-1100	Não mencionado	Inimigo	Não	Não mencionado	O filho morreu na batalha contra o rei escoto	Grande exército	Escotos
<i>Anglo-Saxon Chronicle, Ms D</i>	c. 1050-1100	MacBeth	Inimigo	Não	Não mencionado	Osbjorn morre na batalha contra MacBeth	Grande exército, <i>fyrd</i> de terra e marinho, huscardos	Escotos
<i>Historia Anglorum</i>	c. 1130	Não mencionado	Inimigo	Não	Não mencionado	O filho (sem nome) morreu na Escócia numa batalha anterior	Não há descrição	Não há descrição
<i>Chronicon ex chronicis</i>	c. 1121-1124	MacBeth	Inimigo	Não	Malcolm	Filho (sem nome) morre na batalha contra MacBeth	Corpo de cavalaria, poderosa frota, ingleses e dinamarqueses	Escotos e normandos
<i>Vita Waldevi</i>	c. 1207-1214	Dunwal	Aliado	Não	Dunwal	Osberto morre na Northumbria pelas mãos dos locais	Não há ofensiva	Escotos
<i>Annales Dunelmensis</i>	Séc. XIII	MacBeth	Inimigo	Não	Malcolm	Não mencionado	Grande exército	Não há descrição

A morte do *earl*, por sua vez, é descrita de maneira muito semelhante pelos cronistas. De acordo com a *Vita Waldevi*, Siward, muitos anos depois do confronto contra MacBeth, estava velho e decrépito em York, e sofreu de diarreia (“fluxu ventris”). Ele presenteou os cidadãos da cidade com o *Ravenlandeye*, regalo que recebeu do ancião que encontrou em sua chegada à terra que governaria. Por fim, ele reclamou por um bravo guerreiro morrer deitado como uma vaca (“dixit quod turpe et dedecus inestimabile esset si fortissimus militum morbo vaccarum pregavatus more morretur vaccino”). Sua última ordem, assim, foi ser cingido por sua cota de malha e suas armas. Após isso, em uma posição majestosa, ele morreu (*Vita Waldevi*: 110-111).

Apenas um ano após a guerra de conquista, em oposição a *Vita Waldevi* que separou o conflito contra os pictos da doença e morte de Siward,

Anno sequente, Siwardus consul rigidissimus, profluvio ventris ductus, mortem sensit imminere, dixitque, "Quantus pudor me tot in bellis mori non potuisse, ut vaccarum morti cum dedecore reserverer! Induite me saltem lorica mea impenetrabili, praecingite gladio, sublimate galea; scutum in laeva, securim auratam mihi ponite in dextra, ut militum fortissimus modo militis moriar." Dixerat; et ut dixerat, armatus honorifice spiritum exhalavit.

No ano sequente, o rigidíssimo cônsul Siward, [sofreu de] um profluência do duto ventral [disenteria], [e] sentindo a morte iminente, disse, “Quanto pudor eu sinto por não ter morrido tantas vezes na guerra, mas me ser reservada a morte sem decore como uma vaca! Cinjam-me ao menos com minha lorica

impenetrável, cinjam-me com meu gládio, o capacete sobre a minha cabeça; o escudo na esquerda, [e] ponham meu machado de ouro encrustado à direita, para que o mais forte soldado morra como um soldado.” Disse [ele]; e após dizer, exalou o espírito armado com a honra (*Historia Anglorum*, V, 195-196)

Embora o desfecho seja semelhante, a *Historia Anglorum* ofereceu mais detalhes quanto à morte do *earl* danês. Diferente da *Vita Waldevi*, a narrativa de Henrique de Huntingdon apresenta uma estrutura com diálogos, que dá margem às interpretações. Apesar da composição em tons cavaleirescos, é sabido que a morte gloriosa na frente de batalha também era desejada entre os vikings, como o próprio documento atesta anteriormente. Outras fontes de origem germano-escandinava<sup>8</sup> atestam a mesma conduta do guerreiro na peleja (Birro 2011: 148-163).

\*\*\*

A historiografia estabeleceu várias razões para o envolvimento de Siward na *Batalha dos sete dormentes* (c. 1054), mas a principal delas aborda as relações familiares como pretexto para tal beligerância.

Barlow sugeriu que Dunwal, assim como Siward, casou-se com uma filha do *earl* Waltheof da Northumbria, e talvez eles fossem cunhados. Seu filho, Malcolm, com apenas nove anos, mas já designado como rei da Cúmbria, viveu na corte do seu tio em segurança por nove anos (1970: 202). Barlow provavelmente se apoiou no *Chronicon ex chronicis* de João de Worcester e a menção ao “rei dos Cúmbrios”.

Morris, por sua vez, se debruçou sobre as vinganças baseadas em laços de casamento na Northumbria do período. Assim, chegou a uma conclusão próxima à dos autores anteriores: o casamento de Maldred com a filha do rei e antiga esposa de Waltheof, além da morte do irmão de Dunwal, em cerca de 1046 no conflito com MacBeth, obrigaram Siward a vingá-lo (1993: 17).

Fletcher acrescentou outro filho de Dunwal, Donald, que também teria fugido para o Sul. Nesse ínterim, Siward foi forçado a vingar a morte do rei escoto pelo parentesco estabelecido entre Maldred e Eduardo II. Outrossim, MacBeth foi exposto por Fletcher como uma séria ameaça, pois em 1050 ele foi capaz de peregrinar a Roma e distribuir moedas aos pobres como grãos, conforme uma citação do *Chronicon ex chronicis* (2003: 148).

Conforme Forte, Oram & Petersen, o nobre danês recebeu vários apoiadores de Dunwal em sua corte, como Maldred, irmão do rei que se casou com uma das filhas do *earl* da Northumbria anterior e também neta de Eduardo II, além de Maél Coluim mac Donnchada, filho do último rei. Contudo, a afirmação foi realizada sem nenhuma base documental aparente (2005: 203).

Esse pequeno levantamento historiográfico me levou a crer que boa parte das interpretações sobre a vida de Siward e a *Batalha dos sete dormentes* gira em torno apenas de um viés e, na maior parte das leituras, com base em algumas fontes apenas. A *Vita Waldevi*, por exemplo, foi pouquíssimo explorada apesar de sua riqueza de informações paradoxais. Assim, a historiografia do período em questão tem se dedicado a novas perguntas direcionadas aos indícios históricos, pois a interpretação tradicional “esgotou” as novas possibilidades de compreensão do passado (Stafford 2009: 23-26).

Para ir além dessas limitações, é possível manter em mente a visão política do autor sobre os acontecimentos, de maneira próxima à praticada por Andersson ao trabalhar com as sagas islandesas (2006: 1-20). Para reforçar essa ideia, apresentarei mais alguns breves exemplos.

Mariano Escoto (c. 1028-1082), autor do documento mais antigo que aborda o conflito entre Siward e MacBeth, entrou no monastério aos 24 anos de idade. Em 1056 abandonou a Irlanda, provavelmente banido pelo bispo local após ter cometido alguma falha. Assim, Mariano se dirigiu ao continente e encontrou abrigo inicialmente em Fulda (1058) e posteriormente foi ordenado como padre na igreja irlandesa de Würzburg (1059). Porém, ele foi movido para Mainz no ano seguinte por ordem do abade de Fulda e do Arcebispo de Mainz. Ele permaneceu no monastério de S. Martinho até a sua morte, onde redigiu sua crônica (c. 1070), muito importante para a história irlandesa e germânica (McGrath 2002: 163-164).

A sucinta biografia expõe a situação do clérigo que nos legou o primeiro relato. Ao abandonar a ilha em 1056, Mariano se livrou das possíveis influências político-ideológicas que condicionariam em parte sua interpretação dos fatos. Além disso, o período de redação da batalha é separado por poucos anos da feitura do documento, o que dificultaria a formação de uma tradição preponderante sobre as demais. Assim, o relato árido do irlandês é o testemunho mais “puro” do confronto dentre todos que dispomos.

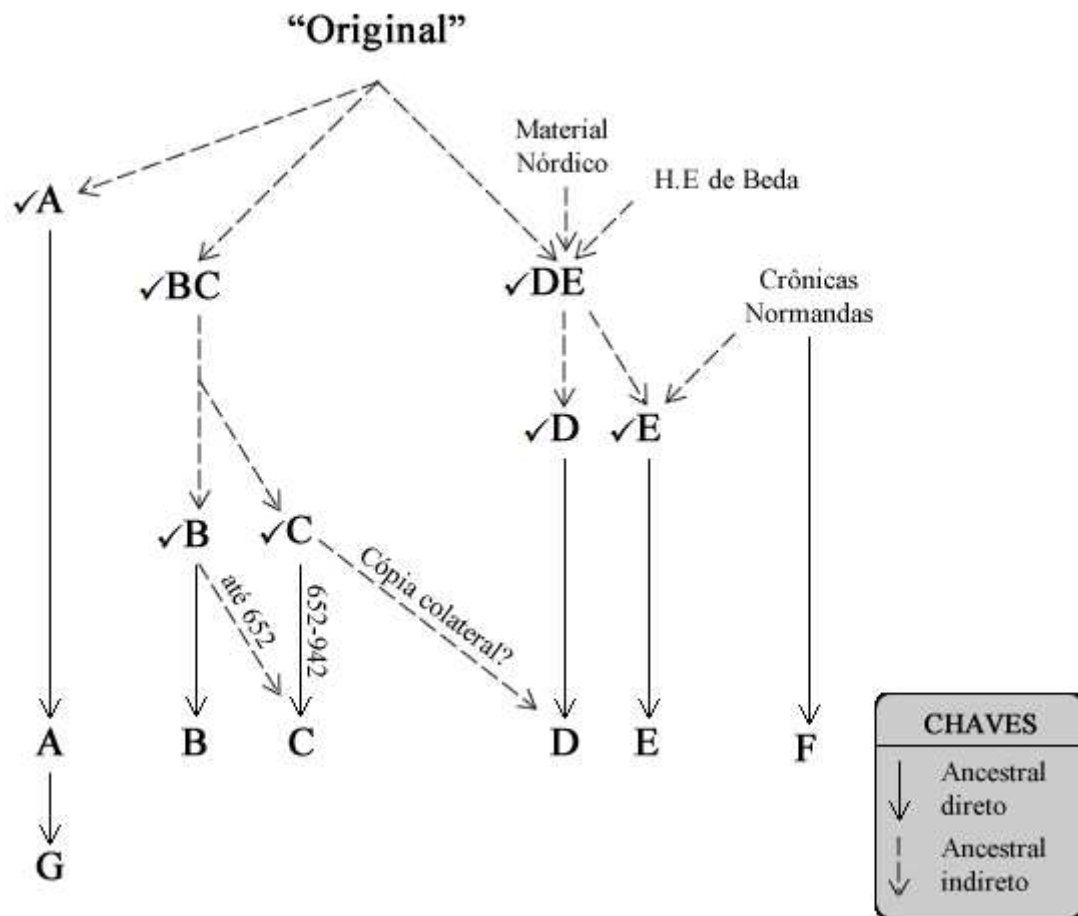
Ao comparar a *Marianus Scottus Chronicon* com os manuscritos da *Crônica Anglo-Saxônica* utilizados neste trabalho (C e D), percebemos que o papel do cronista, as influências dos valores promovidos na região e de outras fontes fizeram transparecer alterações documentais e juízos de valor mais interessantes para o historiador. O documento C, assim, foi redigido por sete ou oito copistas durante o século XI, e parece partilhar de um antecessor comum do manuscrito B. Nele não há influências do Norte da *Britannia*, como as obras de Beda ou do que os filólogos chamam de “*recensão nórdica*”, uma versão da crônica sob a perspectiva do Norte da *Britannia* (Jebson 2006).

O manuscrito D, por sua vez, foi composto por cerca de dez a dezesseis mãos, e pertence a outro ramo dos documentos que deram origem aos manuscritos dessas *Crônicas*: ele é um amálgama da versão mais tradicional da crônica com a “*recensão nórdica*”, além de ter recebido influências de algum manuscrito próximo ao C (Jebson 2006).

Portanto, a vitória obtida pelos homens da Northumbria foi amplamente descrita no manuscrito D, com ênfase na derrota do adversário, do espólio obtido e do sacrifício que moveu tantos homens. O manuscrito anterior, porém, apresenta uma versão muito mais sucinta, o que sugere um ponto de vista mais apático por parte do cronista e da tradição regional que ele pertencia.

Em boa parte dos documentos a ameaça do reino escoto foi evidenciada. Talvez o mais contundente deles foi o *Libellus de exordio*, a única fonte que defende uma ofensiva os homens de Dunwal contra os territórios da Northumbria. Simeão de Dulham, monge cioso da tradição literária do Norte da *Britannia*, provavelmente quis reforçar a resistência local contra o avanço do Norte. Para realizar um cerco, era preciso um grande exército e um princípio ordenador mínimo para garantir os suprimentos, a coesão das tropas e o ânimo dos soldados.

Assim, além de demonstrar a identidade e o desenvolvimento northumbriano durante pouco antes da conquista Normanda, Simeão realçou os perigos que a região sofria perante uma monarquia recente e ameaçadora que reinava ao Norte da ilha, que foi capaz de tomar durante alguns anos o controle da Cúmbria (Lawrence-Mathers 2003: 1-11; Kapelle 1979: 27-49). Além disso, o processo de expansão escoto foi acompanhado por um assentamento progressivo nas regiões fronteiriças, o que pressionava os *earls* de Bamburg e da Northumbria (Smyth 1989: 231-238).



**Figura 1:** A árvore de composição das *Crônicas Anglo-Saxônicas* de acordo com a interpretação mais tradicional. **Fonte:** Jebson (2006, adaptado).

\*\*\*

A série de tradições reais e ficcionais a respeito do conflito entre Siward e MacBeth e as sucintas explicações que ofereci foram alguns pequenos exercícios que podem ser adotados para solucionar os problemas de múltiplos testemunhos, a saber, verificar as condições que levaram o autor a registrar os acontecimentos de determinada maneira. Todavia, as múltiplas opiniões sobre um fato poderiam inviabilizar *a priori* o conhecimento objetivo da vida de Siward ou da *Batalha dos sete dormentes*. Quanto à vida, a existência de um único testemunho tardio coloca sérias dúvidas sobre a veracidade dos dados prestados.

Porém, a História não compartilha sempre as regras e os fundamentos epistemológicos do Direito. A impossibilidade de inferir o real não é a pergunta ideal para esse caso (Ginzburg 2006: 211-232). Assim,

Como se o documento pudesse exprimir alguma coisa de diferente de si mesmo [...] Um documento é um fato. A batalha é um outro fato (ou uma infinidade de outros fatos). Os dois não podem fazer um [...] O homem que opera é um fato. E o homem que relata é um outro fato [...] Todo testemunho é testemunho apenas de si mesmo; do próprio momento, da própria origem do próprio fim, e de nada mais (Serra apud Ginzburg 2006: 225).

Essa forma típica de considerar as fontes da micro-história italiana foi compartilhada pelos estudos mais recentes da Inglaterra Anglo-Saxônica, da Escócia e da Irlanda antes da conquista Normanda, embora o contato entre as escolas não tenha sido ainda demonstrado de maneira clara. Stafford, ao abordar a questão de identidade e legitimação durante a Idade Média dessa ilha, afirmou que

Argument about how things should be now often involves precedent, the venerable authority of age and tradition, lines of unbroken descent, but also, paradoxically, claims of return to (lost) origins. The present from which such questions are asked reshapes the past which is turned to for answers – nostalgically and unconsciously, as for example in “Golden Ages,” usually defined in terms of present concerns, but sometimes consciously and deliberately [...] The antiquarianism that was such a feature of the twelfth century onward is evident here, elaborating, inventing, but also archaizing an conventionalizing [...] Control of the past was an exercise of power, and it could involve forgetting or even erasing [...] (Stafford 2009: 25-26).

Nesse ínterim, a questão pertinente seria: Por que a *Batalha dos sete dormentes* e a vida de Siward foram retomadas no século seguinte, ou seja, quais eram as necessidades desse emprego no contexto de produção do documento?

Logo, a resposta não deve ser buscada somente no fato em si, mas no período de composição da maioria dos documentos (de meados do séc. XI até o séc. XII) – os outros fatos. Assim, essas fontes foram compostas mediante a necessidade da Northumbria se afirmar frente à ameaça do reino vizinho recém “unificado” e que tinha pretensões sobre as terras ao Sul, expressa ora em conflitos ora nos assentamentos fronteiriços. Posteriormente, a oposição northumbriana foi assumida pelo reino inglês como um todo, o que explica a ênfase do papel régio na *Crônica Anglo-Saxônica* (Ms D) e na *Chronicon ex chronicis*.

Ao considerar essa hipótese simples, a interpretação tradicional das relações familiares como motivo para o conflito é ampliado e admite novas formas de interpretar o passado: tanto a *Batalha dos sete dormentes* e o período pré-conquista Normanda quanto às relações entre a Inglaterra e Escócia no século seguinte. Portanto, cabe muitas vezes ao historiador abandonar a análise de um único documento e transitar entre temporalidades diversas e contextos de produção documental diferenciados para entrever e ponderar sobre o passado com maior acuidade.

## Fontes

*Anglo-Saxon Chronicle*. Edição de Tony Jebson. Disponível em <http://asc.jebbo.co.uk/>  
Acesso em: 30 abril de 2011.

Annales Dunelmenses. In: *Monumenta Germaniae Historica - Scriptores (in Folio) (SS) XIX*. Hannover: 1866, pp. 507-508.

The Annals Of Ulster. In: *CELT – Corpus of Eletronic texts*. Disponível em <http://celt.ucc.ie/index.html> Acesso em 01 mai 11.

HENRICI ARCHIDIACONI HUNTENDUNENSIS. *Historia Anglorum*. London: s/ed., 1876.

IOANNES WIGORNENSIS. *Chronicon ex chronicis*. London: Sumptibus Societatis, 1848.

MARIANUS SCOTTUS. Marianus Scottus Chronicon In: *Monumenta Germaniae Historica - Scriptores (in Folio) (SS) V*. Hannover: 1844, pp. 481-568.

SYMEONIS DUNELMENSIS. *Libellus de exordio atque procursu istius, hoc est Dunhelmensis, ecclesie*. Oxford: Oxford University Press, 2000.  
Vita Waldevi. In: *Chroniques Anglo-Normandes*. Tomo II. Rouen: Édouard Frère Éditeur, 1836.

## Bibliografia

- ABELS, Richard. Army. In: BLAIR, John & KEYNES, Simon & LAPIDGE, Michael (orgs.). *The Blackwell encyclopaedia of Anglo-Saxon England*. London: Blackwell, 2001, pp. 47-48.
- BARLOW, Frank. The rule of Solomon, 1054-1064. In: \_\_\_\_\_. *Edward the Confessor*. Berkeley: University of California Press, 1970, pp. 188-238.
- BECKER, Udo. Bear. In: \_\_\_\_\_. *The Continuum encyclopedia of symbols*. London: Continuum International Publishing Group, 2000, pp. 34.
- BIRRO, R. M. A Batalha de Hafrsfjord (c. 890) na Egils saga. In: \_\_\_\_\_. *Uma História da Guerra Viking*. Vitória: DLL/UFES, 2011, pp. 148-163 (no prelo).
- BIRRO, R. M.; FIORIO, Jardel M. Os Cynocephalus e os Úlfheðnar: a representação do guerreiro canídeo na Historia Langobardorum (séc. VIII) e na Egils saga (c. 1230) In: *Mirabilia* 8, 2008, pp. 47-67. Disponível em: [http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num8/numero8\\_4.htm](http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num8/numero8_4.htm). Acesso em: 30 abril de 2011.
- CORNWELL, Hillary; CORNWELL, James. *Saints, Signs, and Symbols*. London: Church Publishing, 2009.
- DEVRIES, Kelly. The English Military In: \_\_\_\_\_. *The Norwegian invasion of England in 1066*. London: Boydell & Brewer, 2003, pp. 210-228.
- Dragon In: *The medieval bestiary*. Disponível em <http://bestiary.ca/beasts/beast262.htm>. Acesso em 04 mai 11.
- FLETCHER, Richard. Siward and Tosti In: \_\_\_\_\_. *Bloodfeud: murder and revenge in Anglo-Saxon England*. Oxford: Oxford University Press, pp. 142-192.
- FORTE, Angelo; ORAM, Richard; PEDERSEN, Frederik. The second Viking Age in England, c. 970-1066 In: \_\_\_\_\_. *Viking empires*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, pp. 184-216.
- GINZBURG, Carlo. O extermínio dos judeus e o princípio da realidade In: MALERBA, Jurandir (org.). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006, pp. 211-232.
- HEATH, Ian; McBRIDE, Angus. *The Vikings - Osprey Series Elite 003*. London: Reed International Books, 1999.
- HOLMAN, Katherine. Earl [ON jarl] In: \_\_\_\_\_. *Historical Dictionary of the Vikings. Historical Dictionaries of Ancient Civilizations and Historical Eras, No. 11*. Oxford: Scarecrow Press, 2003, pp. 81-82.
- KAPELLE, William E. Earl Siward and the Scots. In: \_\_\_\_\_. *The Norman Conquest of the north: the region and its transformation, 1000-1135*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1979, pp. 27-49.
- LANGER, Johnni. O mito do dragão na Escandinávia: segunda parte, as Eddas e o sistema ragnarokiano. *Brathair* 7 (1) 2007, v. 07, pp. 59-95.
- \_\_\_\_\_. O mito do dragão na Escandinávia (terceira parte: as Sagas e o sistema nibelungiano). *Brathair* 7 (2), 2007, p. 106-141.



- LAWRENCE-MATHERS, Anne. Introduction. In: \_\_\_\_\_. *Manuscripts in Northumbria in the eleventh and twelfth centuries*. London: DS Brewer, 2003, pp. 1-11.
- MCGRAPH, C. Marianus Scotus In: *New Catholic Encyclopedia*. Vol. IX. London: Thomson & Gale, 2002, pp. 163-164.
- MIRANDA, Pablo Gomes de. Seguindo o Urso e o Lobo: Discussões Sobre os Elementos Religiosos dos Berserker e dos Ulfheðnar. In: *História, imagem e narrativas*, 11, 2010, pp. 1-14. Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br/edicao1/outubro2010/urso-lobo-bersekerker.pdf>. Acesso em: 30 abril de 2011.
- MORRIS, C. J. *Marriage and Murder in Eleventh-century Northumbria: A study of De Obsessione Dunelmi*. London: Borthwick Publications, 1992.
- MUSI, Carla Corradi. Finno. Ugric-Shamanism. In: FRIDMAN, Eva J. N.; WALTER, Mariko N (eds.). *Shamanism: an encyclopedia of world beliefs, practices, and culture*. Vol. 2. Santa Barbara: ABC-Clio, 2004, pp. 486-496.
- OLRIK, Axel. Siward digri of Northumberland. In: *Saga-Book VI*. London: Viking Society for Northern Research, 1908-1909, pp. 212-237.
- PRICE, Neil S. *The archaeology of shamanism*. London: Routledge, 2001.
- RAUER, Christine. Post-Conquest traditions – Siward and others. In: \_\_\_\_\_. *Beowulf and the dragon: parallels and analogues*. London: Boydell & Brewer, 2000, pp. 125-143.
- SMYTH, Alfred P. To the Rere-Cross on the Stainmore: The conquest of Southern Upplands. In: \_\_\_\_\_. *Warlords and holy men: Scotland AD 80-1000*. Edinburg: Edinburg University Press, 1989, pp. 215-238.
- ZIMMER, Stefan. The Name of Arthur - A New Etymology. *Journal of Celtic Linguistic*, 13 (1), 2009, pp. 131-136.
- WRIGHT, Cyril Ernest. *The cultivation of saga in Anglo-Saxon England*. London: Oliver and Boyd, 1939.
- WOOLF, Alex. The fall of the house of Alpín and the Moray question. In: \_\_\_\_\_. *From Pictland to Alba: 789 – 1070*. Edinburg: Edinburg University Press, pp. 220-271.

---

## NOTAS

<sup>1</sup> O *earl* (nor. ant. *jarl*) era, depois do rei, o mais proeminente homem da *Era viking* (c. 800-1066). O título de *jarl* conferia ao seu detentor um *hird* (séquito de nobres guerreiros), além do controle de um distrito como um oficial do rei ou a autonomia para governar um distrito de forma independente (Holman 2003: 81-82).

<sup>2</sup> Conforme os *Anais de Ulster*, “Cath eter firu Alban & Saxanu i torchradur tri mile do Feraib Alban & mile co leth do Shaxanaib im Dolfinn m. Finntuir.” (“Uma batalha entre os homens de Alba e os Saxões na qual caíram 3000 de Alba e 1500 saxões, incluindo Doilfin, filho de Finntor.”) (*Annals of Ulster*, 491-492).

<sup>3</sup> Todas as traduções deste trabalho são minhas. O grifo também é meu.

<sup>4</sup> Na tradição escandinava, o urso é o rei dos animais, e não o leão (Price 2001: 127). O cristianismo valorava duplamente esse animal-símbolo: ele era símbolo da formação da fé, autoconfiança, da vida solitária e do martírio (Cornwell & Cornwell 2009: 34, 120), mas também serviu como representação do perigo ou até mesmo do demônio (Becker 2000: 37). O branco foi provavelmente um exercício para comprovar sua pureza, sua retidão, reforçada posteriormente nas qualidades paternas. Ao que tudo indica, a reverência ao urso como um ancestral e sua origem divina ou semidivina remonta às crenças xamânicas do Norte Europeu: os lapões skolt (ou *kolltas*) acreditam, por exemplo, que são originários da união entre

---

um urso e uma mulher. Como se trata de uma origem divina, eles fazem referência ao animal por meio de perífrases ou apelidos (Musi 2004: 486-496). Vale lembrar que a palavra urso também é importante no contexto da *Britannia*, pois alguns especialistas acreditam que ela deu origem ao nome do rei Arthur (gr. *Arktos*, lat. *Artorius*, irl. ant. *arto-rīg* “rei urso”), o famoso rei mítico (Zimmer 2009: 131-136). Para mais informações sobre os aspectos animais dos guerreiros vikings, ver: Birro & Fiorio, 2008; Miranda, 2010; Birro, 2011.

<sup>5</sup> Nesse caso, a nobreza de sua antepassada não foi suficiente para garantir a origem privilegiada de Siward. Apesar deste tema também ser interessantíssimo, não pude abordá-lo por carência documental e bibliográfica, o que pretendo fazer num futuro próximo.

<sup>6</sup> O **dragão** foi associado ao demônio principalmente pela menção dessa besta no Apocalipse (12:1-17; 17:3; 20:1-10) e por ser a pior de todas as serpentes. Como os dragões cospem fogo e fazem o ar brilhar, Satanás tenta iludir a humanidade ao aparecer como um anjo de luz e enganar os incautos. A crista do dragão e do demônio é a coroa do orgulho; Como a força do dragão repousa em sua cauda e não em seus dentes, o demônio age da mesma forma, enganando a humanidade com mentiras (*The medieval bestiary, Dragon*).

<sup>7</sup> Aqui traduzidos como **huscardos**, do inglês *huscarls* e do nórdico antigo *huskarlar*. Eles foram guerreiros treinados levados à *Britannia* por Knutr durante sua ascensão ao trono (1016). Diferente de seus parentes noruegueses, os huscardos recebiam seus pagamentos a partir dos tesouros de seus contratadores, e não em garantias de terras. Ademais, eles serviam como *hird* do rei e dos principais nobres da ilha. Logo, os huscardos compunham o elemento mais treinado e profissional do exército, e também minoritário: eles compunham entre 3.000 a 6.000 homens apenas (DeVries 2003: 210-211; Heath & McBride 1999: 49).

<sup>8</sup> Como, por exemplo, a *Historia Langobardorum* (c. 800), a *Nibelungenlied* (c. 1200), a *Gesta Danorum* (c. 1210), a *Egils saga* (c. 1225) e a *Grettis saga* (c. 1400).